

“Todos os problemas do mundo”: a comunicação em rede contemporânea

A maior indústria da Terra centrava-se ao redor de Multivac, o computador gigante que tinha crescido por décadas até que as suas várias ramificações tivessem se espalhado (...) e atingissem cada cidade na Terra.

Um exército de serventes civis o alimentava com dados constantemente, e outro exército correlacionava e interpretava as respostas que ele dava.

Multivac dirigia a economia da Terra e ajudava a ciência terrestre. Mais importante de tudo, era o repositório central de todos os fatos conhecidos sobre cada terráqueo.

ISAAC ASIMOV, *Nove amanhã, contos do futuro próximo*.

Rosana Suarez
rosanasrz@gmail.com

RESUMO

O que diriam um filósofo do século XIX, um conhecido escritor de ficção-científica do século XX e um autor de sucessos de vendas no século XXI sobre a *comunicação em rede* contemporânea?

“Estamos presos nas malhas da linguagem”, diria Nietzsche. A rede é “o repositório central de todos os fatos conhecidos sobre cada terráqueo”, adverte Isaac Asimov. “Hoje a maior parte da comunicação humana é fofoca”, segundo Yuval Noah Harari em *Sapiens*.

Por entre essa polifonia de ditos, este artigo visa a estimular de forma bem-humorada a reflexão sobre os caminhos da nossa comunicação hoje.

Palavras-chave: filosofia; ficção científica; teoria da comunicação

Hoje parece estranho que uma das maiores apostas da ficção científica do passado-recente tenha sido o desenvolvimento dos “supercomputadores”, gigantes futuristas cujo corpo material cobrisse cidades, Estados, continentes; no limite, a Terra.

A profecia não se realizou, em parte. Ao contrário, o que impera no momento são equipamentos diminutos, portáteis, dirigidos aos indivíduos; como os “*smartphones*”, os “celulares inteligentes”. Por outro lado, fragmentada e fluida, essa trama alastra-se com a maior facilidade. Como não adivinhamos isso antes? Numa ponta estamos “nós”, ávidos de funcionalidade. Quem está na outra? Distraídos, podemos apenas imaginar.

Antes de serem extraídos por “exércitos de serventes civis”, os dados são doados de graça, embrulhados em fotografias de crianças sorridentes e animais de estimação. Em contrapartida, surgem reclamações sobre as “notícias falsas” veiculadas nas “mídias sociais” através dos grandes “servidores”. Neste caso, gosto de citar a seguinte parábola. Alguém pede providências quanto a um cidadão despido num apartamento do outro lado da rua. “Não seria melhor largar o binóculo?”, diz o atendente. Não, parece que não largamos mais essas facilidades.

Um misto de benefícios e atrocidades acompanha a indústria da comunicação cibernética contemporânea. Desde a oportunidade de rastreamos antigas amizades e acessarmos rapidamente ajuda em emergências, até os casos de sofrimento extremo das vítimas de assédio moral por excesso de exposição na “rede”.

Pessoas casam-se com virtuais desconhecidas do outro lado do planeta; outras não conseguem livrar-se das informações (pois, as buscam) sobre as parcerias de que não se esquecem. Compram-se e vendem-se produtos e bugigangas. Currículos são trocados por meio de endereços eletrônicos e vídeo conferências riscam o globo. Governos acusam-se de influenciar eleitores através da pirataria de dados, enquanto amizades perdem-se para sempre nos arrufos incitados por máquinas propagandistas. Em resumo, acessamos um universo de informações: livros, filmes, documentos raros, fotos chocantes; mas somente depois de provar que “não somos robôs”, porém “humanos, muito humanos”. Já chega?

FOFOCA

Yuval N. Harari, autor do recente sucesso de vendas, *Sapiens*¹, indaga o que haveria de tão especial na linguagem humana, em comparação com certas formas de comunicação, também bastante sofisticadas, encontradas em animais – como os outros primatas, as baleias e os elefantes. O autor adota um par de pontos de vista, entre os mais aceitos, e acrescenta um terceiro. Primeiramente ele aposta na “incrível versatilidade da linguagem sapiens” para expressar os múltiplos aspectos do seu entorno:

Podemos conectar uma série ilimitada de sons e sinais para produzir um número infinito de frases, cada uma com um significado diferente. Podemos, assim, consumir, armazenar e comunicar uma quantidade extraordinária de informações sobre o mundo à nossa volta. (HARARI, 2018, p. 41).

A seguir o autor avança uma tese de teor prático, mas lúdico: a da “fofoca”. Diz ele: “A teoria da fofoca pode parecer uma piada, mas vários estudos a corroboram”. Harari assume a visão clássica de que o humano é antes de tudo um animal social, e que a cooperação em grupos – orientada pela confiança ou desconfiança entre indivíduos – é essencial para a sobrevivência e a reprodução:

Em um bando de cinquenta indivíduos, há 1.225 relações de um para um, e incontáveis combinações sociais complexas. (...) As novas habilidades que os sapiens modernos adquiriram há cerca de 70 milênios permitiram que fofocassem por horas a fio. Graças a informações precisas sobre quem era digno de confiança, pequenos grupos puderam desenvolver tipos de cooperação mais sólidos e mais sofisticados. (...) Ainda hoje, a maior parte da comunicação humana - seja na forma de e-mails, telefonemas ou colunas nos jornais - é fofoca. (P. 42).

1 HARARI, Yuval Noah. *Sapiens, uma breve história da humanidade*. Tradução de Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2018.

A terceira hipótese é mais abstrata, de maior alcance e ainda mais paradoxal. O estudioso fala na capacidade “verdadeiramente única” da nossa linguagem de “mentir”: “Até onde sabemos, só os sapiens podem falar sobre tipos e mais tipos de entidades que nunca viram, tocaram ou cheiraram. Lendas, mitos deuses e religiões apareceram pela primeira vez com a Revolução Cognitiva”. (HARARI, 2018, p. 43).

VERDADES E MENTIRAS

Em algum remoto canto do universo cintilante que se derrama em um sem-número de sistemas solares, havia uma vez um astro, em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais orgulhoso e mais mentiroso da “história universal”: mas também foi somente um minuto. Passados alguns fôlegos da natureza, congelou-se o astro, e os animais inteligentes tiveram de morrer.

FRIEDRICH NIETZSCHE, *Sobre verdade e mentira no sentido extra moral*²

Em 1873, o jovem filósofo Friedrich Nietzsche escreve o ensaio polêmico intitulado *Sobre verdade e mentira no sentido extra moral*. Crítico de como a ciência, na modernidade, assume o lugar da religião na administração da vida humana, ele – que tampouco é um pensador religioso – volta-se para temas centrais à filosofia: o conhecimento e a verdade. De forma implícita, a tese que tem em mente é a de Aristóteles na abertura da *Metafísica*: “Por natureza, todo o ser humano tende ao conhecimento”. Nietzsche então indaga: existiria um “instinto” para o conhecimento? De onde proviria? Seria “ele” apenas a manifestação de outra força, metamorfoseada e camuflada?

O filósofo exhibe uma coletânea de provas. Pensa em como somos alheios ao funcionamento regular dos nossos próprios corpos: “a natureza atirou fora a chave!”. Destaca a nossa dependência das imagens e ilusões: “O homem, à noite, através da vida, deixa que o sonho lhe minta, sem que

² NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre verdade e mentira no sentido extra moral*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. In: *Obras incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

o seu sentimento moral jamais tentasse impedi-lo” (NIETZSCHE, 1999, p. 54). Com palavras certeiras e atemporais, expõe a “mascarada” social e as “mentiras piedosas”, tão úteis ao funcionamento da vida em sociedade. No ser humano, diz ele, “esta arte do disfarce chega ao seu ápice”:

Aqui o engano, o lisonjear, o mentir e ludibriar, o falar por trás das costas, o representar, o viver em falsa glória, o mascarar-se, a convenção dissimulada, o jogo teatral diante de outros e diante de si mesmo, em suma, o constante bater de asas em torno dessa *única* chama que é a vaidade, é a tal ponto a regra é a lei que quase nada é mais inconcebível do que como pôde aparecer entre os homens um honesto e puro impulso à verdade. (Idem).

Nietzsche argumenta que mesmo a linguagem contém o real em doses diminutas. Ela expressa somente aspectos do que percebemos - e até isto é tão parcial! As palavras seriam como que “metáforas”, transposições arbitrárias e estilizadas de um real que não possuímos: “Um estímulo nervoso, primeiramente transposto em imagem! Primeira metáfora. A imagem, por sua vez, modelada em um som! Segunda metáfora. E a cada vez completa mudança de esfera, passagem para uma esfera inteiramente outra e nova”. (NIETZSCHE, 1999, p. 55).

Ele conclui que a tendência humana à mentira e à ilusão é mais forte e mais fundamental do que o amor ao verdadeiro.

Essa tese “extra moral”, que pode parecer cética e até cínica, tem um viés pragmático. Na medida em que, “por necessidade ou tédio”, diz Nietzsche, o humano torna-se gregário, surge a primeira “legislação da linguagem”, que o obriga “a mentir segundo uma convenção sólida, mentir em rebanho, em um estilo obrigatório para todos.” (p. 57). São as leis do gregarismo que regulam as “verdades”, bem como estipulam as penalidades para quem as descumpre. Se o “mentiroso” ameaçar a subsistência do grupo, será punido; se não, sequer será notado - pode até ser elogiado: “Os homens, nisso, não procuram tanto evitar serem enganados, quanto serem prejudicados pelo engano: o que odeiam, mesmo nesse nível, no fundo não é a ilusão, mas as consequências nocivas, hostis, de certas espécies de ilusão.” (p. 55).

Em obra posterior, *Para além de bem e mal* (1886) 3, o filósofo revisita o tema: “A falsidade de um juízo ainda não é para nós nenhuma objeção contra esse juízo: é nisso, talvez, que a nossa linguagem nova soa mais estrangeira”. (NIETZSCHE, 1999, aforismo 4, p. 304). Como viveríamos sem determinadas falsas conclusões, Nietzsche inclusive indaga, necessárias justamente “para fins de conservação da essência nossa espécie”? (aforismo 11, p. 304).

Voltemos a *Sapiens*. Harari problematiza: em que medida a vocação da espécie para iludir a si mesma não seria uma característica evolutiva desfavorável? Isto na medida em que – o autor reconhece – “a ficção pode ser perigosamente enganosa ou confusa” (HARARI, 2018, p. 43). Qual então a vantagem desse surpreendente “fator humano” no cômputo da vida animal? A solução apresentada é a seguinte: o *Homo Sapiens* destaca-se pela habilidade única de *projetar ficções de alcance coletivo*. Os “mitos partilhados” tornam-se combustíveis de uma cooperação *em larga escala*, penetrante, global:

A ficção nos permitiu não só imaginar coisas como também fazer isso coletivamente. Podemos tecer mitos partilhados, tais como a história bíblica da criação, os mitos do Tempo do Sonho dos aborígenes australianos e os mitos nacionalistas dos Estados modernos. Tais mitos dão aos sapiens a capacidade sem precedente de cooperar de modo versátil em grande número. (p. 43-4).

Harari conclui a dizer que os sapiens podem, assim, “cooperar de maneiras extremamente flexíveis com um número incontável de estranhos”.

FICÇÃO CIENTÍFICA

Caso houvesse então um supercomputador, o “Multivac”, fadado a orquestrar essa complexa, barulhenta, incessante, delirante e mesmo cínica atividade da comunicação humana, o que “ele”

3 NIETZSCHE, Friedrich. *Para além de bem e mal*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. In: *Obras incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

pensaria? O que sentiria? São perguntas de Isaac Asimov em “Todos os problemas do mundo”, no seu livro *Nove amanhã, contos do futuro próximo* (1959).⁴

O armazenamento e cruzamento de informações por uma rede computacional em escala planetária, prefigurado no conto antecipatório, não foge muito da realidade atual. Tampouco a decorrência “natural” dessa tendência: a instrumentalização do futuro - cada vez mais presente - com base na interpretação estatística dos dados. “Multivac dirigia a economia da Terra - diz Asimov - e ajudava a ciência terrestre”.

O supercomputador atuava também na área da segurança pública. Neste domínio, a sua mais importante contribuição era a prevenção de *homicídios*; assunto que o filme *Minority Report* (Steven Spielberg, 2002, baseado no livro do mesmo nome, de Philip K. Dick, 1956) também privilegia. No conto de Asimov, assim como no filme e no livro, a taxa estatística do pior crime a ser cometido por um humano caíra para zero, devido à gestão preventiva da máquina.

Sobretudo por essa façanha, o Multivac tornara-se insuperável. Como se fossem sacerdotisas de um culto divinatório, os intérpretes humanos do computador já não tratavam do crime propriamente dito. Consideravam - com igual rigor e preocupação - as probabilidades diminutas de que ocorresse: “Há dois assassinatos em primeiro grau hoje. Há qualquer problema incomum?”.

Em *Minority Report*, o alerta provém de um indício inesperado: a curva dos homicidas em potencial passa a desenhar nitidamente a silhueta de um dos mais respeitados agentes de segurança do sistema. No conto de Asimov, algo também inusitado ocorre, desta feita, no tocante à vítima: o próprio Multivac. A probabilidade de que este venha a ser “assassinado” cresce exponencialmente!

Com a investigação conduzida, inevitavelmente, pela máquina, inicia-se uma partida de xadrez. Quem, em sã consciência, desejaria atacar o seu benfeitor - o maior protetor da humanidade? Do lado do opressor, o perfil incomum é o de um cidadão de baixíssima periculosidade - ao que tudo indica, uma criança.

⁴ ASIMOV, Isaac. *Nove amanhã, contos do futuro próximo* (*Nine tomorrows, Tales ou the near future*). Tradução de Mário Redondo. Portugal: Publicações Europa-América, 1959.

Um menino é detido, pouco antes de perpetrar o ato, com a mensagem de um melancólico supercomputador Multivac em mãos:

“Quero morrer!”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASIMOV, Isaac. **Nove amanhãs, contos do futuro próximo (Nine tomorrows, Tales ou the near future)**. Tradução de Mário Redondo. Portugal: Publicações Europa-América, 1959.

DICK, Philip K. **Minority Report**. Paris: Gallimard, 2002.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens, uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira no sentido extra moral**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

SUAREZ, Rosana. **Nietzsche e a linguagem**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

FILMOGRAFIA:

SPIELBERG, Steven. **Minority report**. 2002. Amblin Entertainment.

SOBRE A AUTORA:

Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, mestrado e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professora Associada da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).